

Reflexão & Ação, Vol. 18, No 2 (2010).**Infância e Educação**

Entrevista com Valéria Silva Ferreira, por Sandra Regina Simonis Richter

Breve currículo:

Possui graduação em Curso de Pedagogia pela Universidade do Vale do Itajaí (1988), graduação em Curso de Pedagogia pela Universidade do Vale do Itajaí (1988), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (1997) e doutorado em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2002). Atualmente é professora titular da Universidade do Vale do Itajaí, no Programa de Mestrado Acadêmico em Educação. Coordena o Grupo de pesquisa Contextos Educativos e Prática Docente.

Sandra – 1) Considerando que um dos eventos sociais da infância moderna ocidental mais relevante é a entrada da criança no ambiente escolar, quais aspectos você destacaria a partir dos desafios e experiências em suas pesquisas em torno das expectativas da família, crianças e professores no que diz respeito ao primeiro ano do ensino fundamental de nove anos?

Valéria - A pesquisa referida está em andamento, mas já podemos destacar a dificuldade de comunicação entre escola e família. Os pais entrevistados dizem não saber quase nada sobre este novo ano, sabem apenas que têm que matricular a sua criança com seis anos no primeiro ano e que a partir dali a “coisa vai ser mais séria”, eles declaram também que gostariam de mais informação sobre o que vai acontecer e como orientar melhor os seus filhos.

Fica evidente a dificuldade da escola em estabelecer estratégias mais frequentes e eficientes de comunicação com a família, dessa forma, acredito que estamos longe de estabelecer uma parceria de fato com a família em favor da criança.

As crianças dizem que só sabem que vão parar de brincar e que vão ter que estudar mais. Percebe-se na fala das crianças uma distinção entre o que é brincar e estudar. A

brincadeira é desvinculada da atividade de aprender e aprender é totalmente desvinculado do lúdico, da alegria, do divertimento. Precisamos repensar nos conceitos de escola e aprendizagem que estamos transferindo para as crianças e uma reflexão séria sobre como e quais ações pedagógicas estão sendo pensadas para a infância.

De fato, um dos eventos sociais da infância moderna ocidental mais relevante é a entrada da criança no ambiente escolar cada vez mais cedo e por um período mais longo, chegando a 15 horas por dia! Se a criança não aprender com a brincadeira, ou seja, tenha espaço e tempo para brincar na escola, aonde ela irá brincar?

As professoras ainda serão entrevistadas.

Sandra – 2) A partir de seus estudos e considerando uma concepção de infância que ultrapasse a idealização de um perfil único vigente em muitas práticas pedagógicas, como você tem enfrentado os desafios teórico-metodológicos da pesquisa com crianças em processo de alfabetização?

Valéria - É exatamente isso! Tenho ouvido as crianças, para que com elas aprendamos a refletir sobre uma prática pedagógica mais flexível e emergente. Planejada com as crianças e não somente para as crianças. O desafio metodológico mais recente foi entrevistar as crianças durante a realização das atividades passadas pela professora, dentro da sala de aula. Como captar toda complexidade da interação professor e aluno? Outra questão metodológica diz respeito as questões éticas tanto com o professor que permite ser pesquisado, quanto as crianças que aceitam participar. Como pesquisar e não constranger?

E na questão teórica é um grande desafio entendermos as culturas infantis e considerá-las na perspectiva da elaboração de uma nova pedagogia. É denunciar as práticas desrespeitosas com a infância, mas anunciar algo para os professores, sobretudo, para aqueles que precisam alfabetizar.

Sandra – 3) Michel de Certeau, em *A invenção do cotidiano*, não nega a relevância civilizacional ou o que devemos historicamente à escritura, mas destaca que, a partir da modernidade, outra escritura vai se impondo sob formas científicas, eruditas ou políticas: “ela não é mais o que se fala, mas o que se fabrica”. Como podemos pensar, nos processos de alfabetização, a afirmação do autor de que o desafio escriturístico das crianças passa então a ser o de objetivar a linguagem, “tornando-se um campo a lavrar e não mais a decifrar”?

Valéria - Com certeza a comunicação passa ser o foco. Portanto, a linguagem deveria ser o objetivo da alfabetização. A criança precisa compreender para que escrevemos? Afinal não há sentido para a escrita se não houvesse a leitura. Quais possibilidades nos amplia saber escrever e ler? Embora isso seja o foco principal, não podemos esquecer que para o domínio da linguagem escrita precisamos apropriarmos do sistema alfabético, isto é, compreender como podemos registrar as idéias na ordem em que pensamos para que outros possam compreender esta mensagem da melhor maneira possível. Saber com que letras e como ordená-las faz parte do domínio e uso pleno da linguagem escrita.

Sandra – 4) Poderias comentar, a partir do encontro entre a pedagogia, enquanto formação inicial, e a psicologia da educação, enquanto percurso de mestrado e doutorado, os sentidos dessa aproximação para o campo de estudos da educação da infância na contemporaneidade?

Valéria - Primeiro vou me remeter ao meu encontro com a Pedagogia e a Psicologia. Minha formação inicial em Pedagogia instigou a minha trajetória por outros campos de estudo, sobretudo com a Psicologia da Educação no doutorado. A Pedagogia me deu a oportunidade de refletir sobre a escola, a sala de aula e o contexto de produção deste lugar a Psicologia me permitiu compreender a criança como sujeito e foi muito importante na minha formação como pesquisadora, pois aprendi a sistematização e a disciplina necessária para realizar pesquisa.

O segundo encontro dirijo-me, de uma forma geral, a todos que se dedicam a infância. Aproximar o campo da Pedagogia com a Psicologia, Filosofia, Sociologia é

fundamental. Penso a Pedagogia com um ponto de convergência de todos os outros campos que contribuem para a compreensão das relações humanas. A Psicologia nos ensinou que ser criança é diferente de ser adulto, que a criança tem um modo singular de ser e de estar no mundo, nos ressaltou a importância da afetividade, da subjetividade para os seres humanos. Desta forma, entendo que não podemos desprezar esse conhecimento acumulado de forma alguma, mas não considerá-la como única fonte de conhecimento sobre as crianças.